

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4563685>



CULTURA POP ZUMBI E A ASSOLAÇÃO DA PANDEMIA DA COVID-19

Cândida Alzira Bentes de Magalhães Senhoras¹

Resumo

O presente ensaio surge, em um momento de emergência e difusão mundial da pandemia da COVID-19, trazendo ao debate sua relação com medos históricos e culturais presentes na humanidade através dos tempos. Neste sentido, o objetivo deste ensaio é discutir a cultura popular da *obsessão zumbi* no contexto da pandemia da COVID-19 por meio de um estudo descritivo e exploratório com abordagem qualitativa.

Palavras chave: Coronavírus. COVID-19. Pandemia. Zumbi.

Abstract

This essay comes at a time of emergency and worldwide diffusion of the COVID-19 pandemic, bringing to the debate its relationship with historical and cultural fears present in humanity through the ages. In this sense, the objective of this essay is to discuss a popular culture of *zombie obsession* in the context of the COVID-19 pandemic through a descriptive and exploratory study with a qualitative approach.

Keywords: Coronavirus. COVID-19. Pandemic. Zombie.

O fascínio sistemático por crenças de consequências apocalípticas para a humanidade através da sua história, ganhou força nas últimas décadas, principalmente com a obsessão pela figura *zumbi* e a fictícia infecção mundial de proporções catastróficas por ele geradas. Filmes e séries televisivas, desde os anos 30 retratam tais seres das trevas. Com o lançamento do filme *A Noite dos Mortos Vivos* (1968), os *mortos vivos* passaram a assombrar o imaginário popular de forma mais contundente e a partir do ano 2000 eles invadiram de forma perene a vida das pessoas, onde verdadeiros cultos e teorias sobre a iminência de sua concretização ganham força diária.

O termo *zumbi* é utilizado como sinônimo de *morto vivo*, ou seja, aquele morre e volta para devorar os vivos, mas os trazendo para uma realidade contemporânea, o termo também remete aos indivíduos infectados por doenças graves que os modificam substancialmente de seu formato original, como a meningite, a raiva, o ebola, etc. Etmologicamente, a palavra *zumbi* significa *alma que vagueia durante a madrugada* (MICHAELIS, 2020).

Atualmente, a paranoia popular venceu as rugosidades bélicas herdadas da Guerra Fria e cresce progressivamente no campo das ameaças biológicas e epidemias globais a níveis catastróficos, e tal situação, também é expressa em filmes e livros sobre contágios epidêmicos e devastadores a níveis de

¹ Delegada da Polícia Civil do Estado de Roraima e professora substituta de Direito da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Bacharel em Direito, mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia e doutoranda em Direito e Sociologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail para contato: candidasenhoras@gmail.com. Outros trabalhos podem ser encontrados em www.works.bepress.com/candida-senhoras



saúde, segurança e economia. A cultura *zumbi* evoluiu através do tempo a partir de uma dinâmica cíclica reflexiva a determinados fatos, portanto, é possível visualizar entre os séculos XX e XXI, pelos menos três grandes ondas de influência real sobre a projeção ideal e criativa de determinadas artes ligados à questão *zumbi*, desde gibis, artes plásticas e outras artes visuais.

A primeira onda, na década de 30, quando se apresentava uma questão de guerra, pós neoimperialismo e neocolonialismo, a própria I Guerra Mundial e a crise de 1929 com todo um agravamento de fome, surge o filme *White Zombie* (1932). Na década de 70 a partir do filme *A Noite dos Mortos Vivos* (1968) surge uma série de literatura refletindo uma questão da Guerra Fria. A terceira onda, surge a partir da década de 90, diante de um contexto de globalização, surge a difusão de questões ligadas à epidemias como no caso do ebola, zica vírus e outros, refletindo, assim, na cultura artística a partir de jogos como o *Resident Evil*, séries de TV como o *The Walking Dead*, todos com alta popularidade mundial, e na área cinematográfica, uma pluralidade se tornando em um grande gênero, influenciado pelo pioneiro trabalho de 1968, inclusive filmes de comédia sobre o tema como a *Zumbilândia* (2009 e 2019).

A difusão da cultura zumbi ocorre em diferentes artes desde videogames até na música, como exemplo, a banda de *heavy metal* e metal industrial batizada de *White Zombie* (1985-1998), fundada pelo vocalista Rob Zombie e pela baixista Sean Yseult. Rob Zombie também foi diretor de mais de 10 filmes de terror, incluindo o *remake* de 2007 do filme *Halloween* e em 2009 a continuação *Halloween 2*. O próprio fato dos festejos de *Halloween* ter deixado de ser uma festa tipicamente americana e passado a ser uma festa atualmente amplamente internacionalizada em diferentes países, fez com que a *cultura zumbi* também se tornasse dinamizada em termos de difusão em diferentes áreas como nas artes plásticas as variadas fantasias sobre o tema.

Segundo Bishop (2010), as ondulações do terror cinematográfico estão diretamente relacionadas às tensões e agitações sociais concretas como a paranóia nuclear, as guerras mundiais, guerra do Vietnã, conflitos entre Irã e Iraque e mais recentemente o terrorismo, sendo a primeira onda de filmes sobre *zumbis*, iniciada com os filmes *White Zombie* (1932) e *I Walked with a Zombie* (1943), revelando a ansiedade imperialista associada ao colonialismo e a escravidão. Tais ansiedades ou *fears* são tratadas de formas hipotéticas que traduzem essas tensões históricas culturais e o medo de um colapso mundial fatal.

Inobstante as crenças e cultura popular, os homens em todo o globo terrestre testemunharam através dos séculos, ciclos de verdadeiro extermínio de pessoas gerados não somente por guerras ou outros tipos de violências e sim por personagens invisíveis, ou seja, vírus e bactérias, e a severidade das enfermidades por eles ocasionadas, cujas impressões de juízo final, se assemelham a uma *crise zumbi*



difundidas tão amplamente na cultura POP em escala mundial. Assim, o presente ensaio, a partir de tão cultural introdução, objetiva pontuar as simetrias entre o Coronavírus e a *obsessão zumbi* ou obsessão pelo fim, diante do cenário contemporâneo de insegurança mundial gerada pela difusão do vírus, SARS-CoV-2, responsável pela difusão da pandemia multilateral da Doença do Coronavírus 2019 - COVID-19 (SENHORAS, 2020a), aproximando, assim, relativamente à ficção da realidade.

Conforme Senhoras (2020b), as pandemias² mais assoladoras na demografia humana são identificadas por uma periodização de acontecimentos datadas a partir do século VI com a “Praga de Justiniano”, depois no século XIV com a “Peste Negra” e mais recentemente no século XX com a “Gripe Espanhola”, onde a agenda de segurança da saúde pública adota uma concepção conservadora de limitação à mobilidade de doentes durante os surtos pandêmicos, como a chamada quarentena e as políticas de cooperação internacional para erradicação de tais males adotados de forma compartilhada entre Estados Nacionais, organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) ou organizações não governamentais como a Cruz Vermelha e Médicos Sem Fronteira.

O novo coronavírus vem se expandindo espacialmente pelo mundo a partir do seu surgimento em dezembro de 2019 na província de Hubei na China Central. Inicialmente, a doença se manifestou na cidade de Wuhan com uma onda de casos de pneumonia de origem desconhecida. A partir daí, as autoridades chinesas de saúde iniciaram imediatamente uma investigação para caracterização e controle da doença, incluindo o isolamento das pessoas com suspeita de infecção e dos enfermos, iniciando, assim, um protocolo de tratamento aos casos. Em janeiro de 2020 os cientistas chineses isolaram e identificaram a doença misteriosa como sendo a sequência genética 2019-nCoV de rápida disseminação entre as pessoas (WANG *at al*, 2020).

Atualmente, o coronavírus encontra-se presente em todos os continentes do globo terrestre sendo que no dia 11 de março de 2020 a OMS declarou pandemia da doença. Desde então, houve uma rápida difusão multilateral de uma crise de natureza zumbi, gerando uma série de transbordamentos negativos multidimensionais que impactaram de modo assimétrico no tempo desde as dinâmicas sanitárias e sociais até as dinâmicas políticas e econômicas.

Embora a construção de cenários para a evolução desta pandemia apresente diferentes trajetórias com assimétricos impactos no curto, médio e longo prazo, a rápida difusão da pandemia do novo coronavírus em curso no ano de 2020 está longe de ser um apocalipse zumbi, com interrupção de energia e água, e, mesmo assim traz consigo graves preocupações como uma crise zumbi, pois sua difusão claramente multilateral, diferentemente de outros surtos contidos e regionalizados como da SARS, MERS e H1N1, atingiu mais de 100 países de todos os continentes em um

² Uma pandemia pode ser definida como um fenômeno patológico que alcança simultaneamente um grande número de pessoas, numa zona geográfica muito vasta. A diferença entre pandemia e epidemia é que, embora ambas consistam num forte aumento de casos de uma dada enfermidade, a dimensão da pandemia é maior, seja por sua propagação territorial, seja pela gravidade das ocorrências, o que resulta em número expressivo de casos severos ou mortes (VENTURA, 2010).



rápido espaço temporal, gerando uma situação de pânico generalizado e com proeminentes impactos negativos no dia-a-dia da população (SENHORAS, 2020c, p. 32).

Outros reflexos da doença, externos à saúde, são os impactos econômicos negativos os quais estão desestabilizando a economia mundial de forma generalizada. Conforme Senhoras (2020b), as repercussões são geradas internacionalmente, pois todas as regiões do mundo foram afetadas humanamente pelo surto, gerando tensões em vários mercados financeiros com queda de ativos, impactos negativos na produção e no consumo principalmente pelo desabastecimento das cadeias de distribuição de produtos *made in China*.

A despeito de muitas empresas multinacionais localizadas na província de epicentro do novo coronavírus terem parado a produção e evacuado parte de seus funcionários na China (AYITTEY *et al.*, 2020), o efeito de transmissão primário da crise nas últimas semanas tem sido oriundo das movimentações do mercado financeiro em comparação à constrição das cadeias logísticas de comércio internacional, turismo e aviação civil que representam no tempo um efeito secundário, com encadeamentos nos demais países do mundo que fazem parte das cadeias globais de valor, seja, no consumo, seja na produção integrada.

Este preocupante quadro potencial de desaceleração econômica global engendrada por crescentes reais impactos negativos com a constrição dos fluxos produtivos, de consumo e de comércio internacional passa a se tornar uma profecia autorrealizável semanas após o surgimento do surto do novo coronavírus à medida que as expectativas no mercado financeiro impactam na deflação de ativos produtivos, com ondas internacionais de quedas nos mercados acionários no mundo, repercutindo diretamente no dinamismo empresarial não no longo prazo como eventualmente esperado, mas no curtíssimo prazo (SENHORAS, 2020d, p. 40).

Além dos prejuízos nas áreas da saúde e da economia, a pandemia do coronavírus também desestabiliza a educação, com a suspensão das aulas nas escolas de nível fundamental e médio, bem como nas faculdades e universidades, adotando-se aos munidos de tecnologia, as aulas online gravadas ou por vídeo conferências. O cotidiano mais básico também mudou com a doença. Conforme amplamente divulgado pela mídia mundial, o governo italiano decretou quarentena de um quarto da sua população onde 16 milhões de pessoas estão sujeitas a tal isolamento. Assim como a Itália, várias cidades ao redor do mundo estão tomando medidas para tentar frear a progressão do vírus em seus territórios. Trabalhos suspensos, eventos com aglomerações e vôos cancelados, itens básicos como álcool em gel ou papel higiênico em falta, e a própria suspensão do direito fundamental de ir e vir.

O cenário mundial dos presentes dias assemelha-se aos cenários fictícios das artes sobre uma *crise zumbi global*. O isolamento, o medo sistemático da morte e a desestabilização de todos os continentes confirmando um iminente colapso global consolida cada vez mais a simetria entre a realidade



e a ficção em função do número de infectados e vítimas fatais, ratificando um clima de incertezas e difusa insegurança global.

Pelo exposto, conclui-se no breve ensaio a existência de um cenário mundial de instabilidade política, econômica, social e de saúde onde as preocupações com uma pandemia global já é realidade, e o clima nebuloso de características de *fim dos tempos* retratado nas várias manifestações culturais sobre um futuro infectado por vírus variados e pelo fictício mal *zumbi*, aproxima a realidade da ficção e assim como na fantasia, a humanidade se une para vencer o mal e garantir a perpetuação da espécie humana, hoje, o mundo testemunha a mobilização internacional do homem para combater o novo coronavírus e garantir o futuro da humanidade.

REFERÊNCIAS

BISHOP, K. W. **American Zombie Gothic: The Rise and Fall (And Rise) of the Walking Dead in Popular Culture**. Jefferson: McFarland & Company, Inc., 2010.

MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <www.michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 10/03/2020.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. “OMS declara pandemia de coronavírus”. **G1** [11/03/2020]. Disponível em: <www.g1.globo.com>. Acesso em: 13/03/2020.

SENHORAS, E. M. “COVID-19 e os padrões das relações nacionais e internacionais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020a.

SENHORAS, E. M. “Coronavírus e o papel das pandemias na história humana”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 1, 2020b.

SENHORAS, E. M. “A pandemia do novo coronavírus no contexto da cultura pop zumbi”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 3, 2020c.

SENHORAS, E. M. “Novo Coronavírus e seus impactos econômicos no mundo”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020d.

VENTURA, D. “Pandemias e estado de exceção”. **Anais do VII Congresso Internacional de Direito USJT: O Brasil no Mundo**. São Paulo: FAPESP, 2010.

WANG, C., HORBY, P. W. HAYDEN, F. G. GAO, G. F. “A novel coronavirus outbreak of global health concern”. **The Lancet**, vol. 395, February, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima